

Sociedade e natureza num exercício de incitação a diálogos interdisciplinares Prelúdio a uma périphe bibliográfica

Sociedad y naturaleza, un ejercicio
de motivación a los diálogos
interdisciplinares
Preludio a un viaje bibliográfico

Edvânia Torres¹

Doutora- Universidad federal de Pernambuco Brasil

Christine Rufino Dabat¹

Doutora- Universidad federal de Pernambuco Brasil

Recibido:
Marzo 27 de 2012
Aprobado:
Septiembre 18 de 2012

1 As professoras, respectivamente, estão lotadas nos Departamento de Geografia e História da UFPE, Brasil. Este trabalho corresponde a um registro de experiências didáticas ministrando disciplinas nos Programas de Pós-graduação em Geografia e Gestão e Políticas Ambientais da UFPE.

Resumo

As relações entre os seres humanos e seu meio se encontram no cerne da preocupação ecológica enfatizando, sob a forma de denúncias, a poluição, ameaça de esgotamento de certos recursos naturais, extinção de algumas espécies e pressão populacional de outras - inclusive a nossa.

Tal assunto, por sua complexidade, requer abordagens interdisciplinares que permitam, além do balanço da questão, a formulação de perguntas elementares, mas cuja interseção torne o conjunto de questionamentos cada vez mais articulado. Com efeito, as várias contribuições de disciplinas como a Geografia, a História, a Antropologia e a Filosofia, fornecem elementos e perspectivas impares. Cada uma traz ênfases distintas à análise, cuja junção garante dinamismo e abrangência à abordagem de tão amplo e complexo assunto. Além de descritiva, esta tenta, sobretudo, remeter as conseqüências da ação do homem ocidental sobre seu meio, às concepções que a fundamentam.

Enfatizar questões de ordem ética, além das econômicas, sociais e até mesmo técnicas, permite delinear a elaboração histórica do modo como a sociedade ocidental entende e conduz suas relações com a Natureza. Conquistando um espaço geográfico cada vez mais amplo, terrestre e sideral, o homem ocidental revelou modos de apreensão e comportamentos em relação aos elementos, plantas, sítios; ele qualificou seu meio, optou pela agricultura, pela mineração, classificou animais e plantas em grupos, atribuindo-lhes valores de diversas ordens.

São inúmeras as ilustrações: no âmbito da economia, a Natureza como recurso ou diretamente como mercadoria no caso do turismo, por exemplo; no âmbito da atividade artística, como objeto ou como fonte de inspiração, referencial estético; no âmbito da ética, como matriz de absolutos: amor materno, direitos do homem etc.; no âmbito da concepção do mundo, como marcos de distinção: natureza útil, domesticada e natureza selvagem ou até nociva, etc. legitimando comportamentos cerceadores ou destruidores. A variedade dos propósitos é imensa, mas além dos aspectos singulares, podem ser evidenciados princípios básicos que norteiam atitudes básicas.

Neste sentido, o resgate das grandes correntes do pensamento ocidental dominante revela concepções, cuja sucessão constitui também uma linhagem; resquícios de épocas diversas podem aderir com maior ou menor intensidade aos diversos campos da atuação humana, tornando mais complexo o conjunto de condutas considerado.

Palavras chave:

sociedade, natureza, abordagens interdisciplinares, geografia

Resumen

Las relaciones entre los seres humanos y su medio se encuentran en lo más alto de la preocupación ecológica, expresadas bajo la forma de denuncias sobre la contaminación, la amenaza del agotamiento de ciertos recursos naturales, la extinción de algunas especies y la presión poblacional de otras -inclusive la nuestra.

Tal asunto, por su complejidad, requiere abordajes interdisciplinarios que permitan, superando balances sobre la cuestión, la formulación de preguntas en cadena, cuya secuencia facilite, a través del conjunto de cuestionamientos, establecer cada vez más conexiones. Efectivamente, las diversas contribuciones de disciplinas como la Geografía, la Historia, la Antropología y la Filosofía, proporcionan elementos y perspectivas inigualables. Cada una trae énfasis distintos al análisis, cuya conjunción garantiza dinamismo y amplitud al abordaje, en correspondencia con la complejidad de temas. La Geografía, en los estudios sobre Sociedad y Naturaleza, además de descriptiva, se refiere a las consecuencias de la acción del hombre occidental sobre su medio, a las concepciones que la fundamentan.

Enfatizar cuestiones de orden ético, además de las económicas, sociales y hasta técnicas, permite delinear la elaboración histórica del modo como la sociedad occidental entiende y conduce sus relaciones con la Naturaleza. Conquistando un espacio geográfico cada vez más amplio, terrestre y sideral, el hombre occidental reveló modos de aprehensión y comportamientos con relación a los elementos, plantas, poblaciones; él cualificó su medio, optó por la agricultura, por la minería, clasificó animales y plantas en grupos, atribuyéndoles valores de diverso orden.

Son innumerables las ilustraciones: en el ámbito de la economía, la Naturaleza como recurso o directamente como mercancía en el caso del turismo; por ejemplo, en el ámbito de la actividad artística, como objeto o como fuente de inspiración, referencial estético; en el ámbito de la ética, como matriz de absolutos: amor materno, derecho del hombre, etc., en el ámbito de la concepción del mundo, como marcos de distinción: naturaleza útil, domesticada y naturaleza salvaje o hasta nociva, etc. Legitimando comportamientos destructores. La variedad de los propósitos es inmensa, más allá de los aspectos singulares, pueden ser evidenciados principios básicos que norlean actitudes básicas.

En este sentido, el rescate de las grandes corrientes del pensamiento occidental dominante, revela concepciones cuya sucesión constituye también un lenguaje; resquicios de épocas diversas pueden adherir con mayor o menor intensidad los diversos campos de la actuación humana, volviendo más complejo el conjunto de las conductas consideradas.

Palabras clave:

sociedad, Naturaleza, abordajes interdisciplinarios, geografía

1. O diagnóstico

Existe uma base ideológica comum às ciências e aos diversos aspectos do pensamento ocidental de forma geral. Esta base filosófica - se assim se pode dizer a respeito de uma série de axiomas e preceitos definindo a nossa relação com o universo - alçou as “opções” feitas por nossa civilização à condição de “obviedades” que pertenceriam à ‘natureza das coisas’.

Isto se verifica particularmente no campo das ciências em todos os níveis de seu processo canônico: desde a observação, a análise dos dados até as conclusões das quais, por sua vez, se deduzem novas metas. Estabelecidas para e a partir da Física, padrão insuperável segundo a tradição comtiana, tais normas traduzem-se também, de forma distinta, nos diversos campos do conhecimento. Opções, realmente, reveladas na geografia, por exemplo, através da cartografia clássica, ou seja a forma convencional de representar o mundo; bem como na história através do evolucionismo cultural embutido em praticamente todas as asserções, até as mais declaradamente ‘descritivas’: sempre qualificando dado povo como “mais desenvolvido” e outro “mais primitivo”. Estes axiomas que sustentam o nosso modo de pensar são todos permeados pela noção de progresso, algo até recentemente pouco discutível.

Tal suposta “neutralidade” de cunho científico atinge amplamente os debates sobre Homem e Natureza ou Meio Ambiente, pois serem objetos de estudo tão elementares que escapariam aos avatares das nebulosas mais elaboradas das disciplinas da geografia, da história, da política.. Isto é, os embates se manifestariam num plano tão básico que seu caráter não sofisticado garantiria a segurança das deduções e a obviedade das conclusões.

Da mesma forma, a escala global se justificaria, não por uma evolução sócio-econômica de tipo dominação imperialista, mas pelo objeto em si: homem e natureza, uma relação que só pode ser planetária. O universalismo enfim concretizado via globalização do capital! Pois, quando se fala em ‘natureza’, geralmente são evocados, se não diretamente, pelos menos subliminarmente, recursos naturais. A questão é reduzida inelutavelmente à gestão atual ou potencial de “mercadorias/ capital”, biodiversidade, as belezas naturais, ar puro, paisagens, fauna exótica, mangue, entre outras.

2. O propósito

Para tentar se colocar diretamente frente à questão ambiental, descartando na medida do possível os ‘a priori’ impostos pelo pensamento ocidental dominante, ou seja abrir ideologicamente o campo do debate, é preciso, em primeiro lugar, resituar o ponto de vista adotado por nossa civilização.

Para tanto, há uma necessidade de deslocar nosso olhar, afastando-o das ‘obviedades’ oferecidas de forma tão abrangente e coerente; assim pode-se localizar no tempo e no espaço o reino de tal ideologia, o que constitui um exercício bastante simples - com a ajuda de mapas - e muito saudável na intenção de reduzir a soberba da qual somos embuídos ao nosso próprio respeito.

Deslocamento no tempo e no espaço, por que são dois modos bastante familiares e acessíveis em termos de conhecimentos gerais dos nossos alunos. A História e a Geografia são duas disciplinas básicas às quais todos já foram expostos; sem ser exclusividade delas - nem de nenhuma outra disciplina - a educação ambiental pode beneficiar-se de referências, informações, pontos de apoio comuns, permitindo assim um exercício de deslocamento também comum aos participantes, qualquer que seja sua formação profissional ou sua geração, por exemplo.

Deslocamento no espaço então no sentido de circunscrever tanto a área de abrangência da nossa civilização, seu grau de penetração, bem como de evocar mesmo de forma imperfeita outras civilizações, de preferência aquelas que nos consideramos como as mais “primitivas”, ou seja aquelas cujas opções foram as mais distintas das nossas: bosquimanos do Kalahari, Australianos de origem, etc.

Deslocamento no tempo, pois é fundamental analisar o pensamento dominante na nossa civilização na sua construção: uma linhagem oficial de ancestrais “escolhidos” entre os pensadores/filósofos para constituir um conjunto cuja coerência seja reafirmada a cada transformação. Pois esta filiação ideológica, na sua diversidade interna, refere-se sobretudo à noção de evolução, progresso, movimento no sentido de uma realidade/concepção

cada vez mais “avançada”, mais complexa, sempre desejável apesar de aspectos inconvenientes a serem apagados. O progresso invade até o campo das idéias então, marcando a passagem de uma idéia ou concepção ultrapassada, caduca, para outra, mais “avançada”, mais elaborada, vencendo as limitações da anterior.

Ora, ao mesmo tempo que se glorifica a mudança (linear, com um futuro resplandesciente como meta), mantém-se viva a reverência pela permanência: se as idéias ocidentais são as mais dignas de interesse por serem as mais progressistas, elas também gozam do prestígio da longevidade: Aristóteles, para citar apenas um dos nossos filósofos ancestrais, encontra-se entre os autores mais citados pelos cientistas sociais brasileiros de nossa época.

A ambiguidade emerge desta dupla reverência ao movimento como virtude cardeal e à imobilidade como garantia da verdade, pois os termos nunca são apresentados assim de forma contraditória; pelo contrário, eles têm um efeito cumulativo na desmonstração da superioridade do ocidente e portanto do seu pensamento: verdade axiomática, mas que no entanto encontra-se constantemente “comprovada” por meio deste tipo de argumentos (quando estes não se limitam a louvar a sua capacidade técnica, sobretudo bélica, sem dúvida desprovida de rivais no campo da destruição).

Esta proposta caracteriza-se portanto por uma seleção no tempo - os eleitos - e no espaço: a Europa ocidental, pois no campo das idéias, a América do Norte é avaliada como não tendo ainda ultrapassado seus antepassados “escolhidos”.

3. O desafio de olhar de fora sua própria cultura

Dado o convite para revisitar conceitos bem conhecidos, mas de um ponto de vista terminantemente crítico e o mais ‘estranho’ possível às nossas rotinas de pensamento, não se pode esperar esgotar um assunto tão vasto, um conjunto de idéias cuja construção e consolidação se deu ao longo de tanto tempo; limita-se a nossa ambição a suscitar a curiosidade, a desafiar o que parece ‘senso comum’, normalmente valorizado, permitindo revelar atrás deste alguns preconceitos. O propósito didático portanto, é dar o gosto

de colocar em dúvida aquilo que estava apresentado como sendo obviedade, provocar questionamentos adotando a postura do historiador materialista benjaminiano que não se contenta tão somente em trazer à luz “estes *fatós fortuitos* mas revela as *constelações secretas* da história (Matos, 1989, p.32)

Torna-se desafio instigante a provocação deste deslocamento do olhar num contexto de coesão cultural muito afirmada, e firmemente tecida, com estas características: conjunto de idéias reencontrando-se, espelhando-se na escola, na religião, na cultura política, no folclore, e dotada de uma grande capacidade de absorção e integração de novos elementos; nenhuma singularidade cultural ameaçando as vozes culturalmente dominantes e as tradições culturais originais, pouco manifestas, sendo escanteadas ao domínio do folclore, da celebração.

Esse desejo é ainda agudizado na medida em que a existência dos ‘complexos de subdesenvolvidos’ criados e/ou incorporados, no nível regional e nacional, tendem a reforçar a admiração pouco crítica para os ditames do progresso, da modernidade.

Do ponto de vista metodológico, procedemos a abordagens que, ao mesmo tempo, aproveitam os referenciais clássicos - portanto familiares - das disciplinas da História e da Geografia e também surpreendem pela heterodoxia dos enfoques.

O espaço

No que diz respeito ao espaço, visa-se colocar em questão as convenções que presidem à representação do espaço; ou melhor evidenciar as regras estabelecidas para tal representação precisamente como convenções apenas. Um dos melhores exemplos disto e que repercute instantaneamente é a questão das diversas projeções e da colocação do polo Norte em cima do mapa. Oferecendo alternativas, comentando as impressões diversas sugeridas pelas fórmulas (projeção de Mercator com o polo norte em cima vs projeção de Peters com o polo sul em cima), pode-se provocar ricas trocas e sem dúvida, alguns questionamentos.

Outro ponto privilegiado na revisitação dos mapas consiste na análise das transformações que sofreu a representação do espaço ao longo da

história da cartografia ocidental (sem esquecer de mencionar a riqueza das representações de outras civilizações). Enfatiza-se então, não apenas a questão da relativa "exatidão" da imagem nas sequências de mapas antigos em relação aos nossos (os 'verdadeiros'), mas sobretudo registra-se o quanto eles são veículos de "idéias": já revestidos da pretensão à fiel representação da 'realidade', eles descrevem no entanto monstros, continentes imaginários; daí se pode despertar a suspeita de que os mapas não "são" o simples retrato da realidade objetiva, mas muito ao contrário uma certa visão, tecnicamente variada do mapa em TO às imagens de satélite, do mundo por alguns de seus habitantes. A presença de idéias sendo mais reveladora nos mapas antigos que retratam o paraíso etc, explica o recurso a esta fonte histórica. O olhar crítico aparece espontaneamente neste caso; a partir daí, é mais fácil estendê-lo, por assim dizer, a mapas mais recentes e portanto mais frequentados.

Além disto, tenta-se uma valorização do lugar, trazendo o espaço na análise do cotidiano. Este exercício propõe um novo olhar, ou seja uma reflexão sobre a representação do mundo via TV vs a vida real do comum dos mortais. Marilena Chauí, enfocando o telejornal no contexto do imaginário, destaca a impressionante *fragmentação do tempo* e depois sua própria destruição. Ela afirma que a notícia se reduz a um instante sem passado nem presente. Ao que se anexa a perversa forma de *fragmentação do espaço*, neste momento ela convida à reflexão em cima de que mapa mundi é passado através da TV para os espectadores e quais as imagens de locais que são transmitidas. Ela pergunta se alguém já parou para observar o monopólio internacional e nacional na geração de imagens que são adquiridas e reproduzidas em cada país. Além destes aspectos ela ressalta a dissolução o espaço qualitativo, onde as imagens provocam o conhecimento do longe, despertando até identidades e interesses no seu acompanhamento, em paralelo à alienação daquilo que está próximo e no entanto não é alvo de interesse da TV, sendo buscado até mesmo o desvio do conhecimento do que está próximo. Se denota a "ilusão de que o mundo está ao alcance de nossa mãos, não se fazendo necessários esforços na sua busca e interpretação." (Chauí, 1990)

Esta valorização constata-se de lugares estranhos em detrimento ao lugar onde um dado cidadão encontra-se, mora, trabalha verifica-se sobretudo entre pessoas de baixa renda, como, por exemplo, aquele morador de favela que apaga da representação do lugar onde ele mora os mais gritantes inconvenientes ambientais (um canal com pontilhão muito precário, esgoto

a ceu aberto...). As consequências de tal atitude inclusive em termos de conquista da cidadania são evidentes: vivendo por procuração (representação televisiva), ele tende a não se mobiliza para mudar o quadro concreto de sua vida. Exemplos desta ordem, trazidos pelos próprios alunos, fornecem matéria a debate e propostas de ação.

Deslocamento também via evocação de culturas e civilizações ‘outras’ como uma maneira de descobrir abordagens fundamentalmente diversas da nossa no que diz respeito às relações homem/natureza. Por meio de filmes, como “Dersu Uzala” de Akira Kurosawa, “Wo die grüne Ameisen träumen” de Walter Herzog, ou num modo mais lúdico “Gods must be crazy” de Jamie Uys, pode-se ao mesmo tempo revelar filosofias de vida com axiomas distintos e até opostos aos nossos bem como questionar o ‘a priori’ do evolucionismo cultural embutido na nossa concepção do mundo, seja ela científica ou não.

O tempo

Enfatizar questões de ordem ética, além das econômicas, sociais e até mesmo técnicas, permite delinear a elaboração histórica do modo como a sociedade ocidental entende e conduz suas relações com a Natureza. Conquistando um espaço geográfico cada vez mais amplo, terrestre e sideral, o homem ocidental revelou modos de apreensão e comportamentos em relação aos elementos, plantas, sítios; ele qualificou seu meio - *ager, saltus, silva* -, optou pela agricultura, pela mineração, classificou animais e plantas em grupos, atribuindo-lhes valores de diversas ordens.

São inúmeras as ilustrações: no âmbito da economia, a Natureza como recurso ou diretamente como mercadoria no caso do turismo, por exemplo; no âmbito da atividade artística, como objeto ou como fonte de inspiração, referencial estético; no âmbito da ética, como matriz de absolutos: amor materno, direitos do homem etc.; no âmbito da concepção do mundo, como marcos de distinção: natureza útil, domesticada e natureza selvagem ou até nociva, etc. legitimando comportamentos cerceadores ou destruidores. A variedade dos propósitos é imensa, mas além dos aspectos singulares, podem ser evidenciados princípios básicos que norteiam atitudes básicas.

Neste sentido, o resgate das grandes correntes do pensamento ocidental dominante revela concepções, cuja sucessão constitui também uma linhagem;

resquícios de épocas diversas podem aderir com maior ou menor intensidade aos diversos campos da atuação humana, tornando mais complexo o conjunto de condutas considerado. O exame da postura da sociedade ocidental frente à Natureza revela um ideário impermeável à integração numa base de alteridade; práticas de exploração, modelagem, exclusão, rejeição e aniquilamento pontuaram a História das sociedades ocidentais frente a o “Outro”, alvejando tanto objetos não humanos quanto seres humanos. Neste último caso, o caráter supostamente mais “primitivo”, “mais próximo da natureza” deste “Outro” - povos inteiros ou categorias de indivíduos - justificava e justifica ainda a investida.

Cortes históricos permitem evidenciar pontos cruciais na construção do pensamento ocidental e que correspondem a grandes momentos da periodização clássica: Gregos-Socráticos, Cristianismo, Iluminismo e Positivismo. Distinguir as heranças pode ser feito através de grades de leitura, contemplando principalmente as seguintes perguntas:

1. Qual era o contexto histórico e geográfico dentro do qual emergiram tais ou quais pensamentos e regras?
2. Quais foram os princípios e conceitos que regeram a construção da relação sociedade/natureza nos períodos desses recortes?
3. Como esses conceitos apareciam nas artes, representações, sentimentos, emoções, leis?
4. Em que medida e de que modo este embasamento das relações homem/natureza estruturaram as relações entre os humanos dentro da sociedade em questão, e entre esta sociedade e as demais?
5. Qual o período e a amplitude de influência deste pensamento? Quais os discípulos, as instituições...? Em que medida somos herdeiros destas idéias?
6. Exemplo de pensamentos distintos: dentro da mesma sociedade; exemplos de outros povos contemporâneos desta sociedade e com filosofias distintas a respeito da relação homem/natureza.

Nesta abordagem histórica vale ainda ressaltar que se foram apenas tratados em certo detalhe aqueles filósofos e pensadores prezados como legítimos “pais fundadores” da nossa civilização, a ênfase foi também colocada sobre o fato de que eles representavam apenas uma das tendências que existiam

na época e que outras foram de uma forma ou de outra abafadas, ignoradas ou expurgadas, muitas vezes pela violência.

Esta fileira, oficialmente reivindicada como linhagem nobre, tem como uma de suas características de afirmar a distinção irreduzível entre natureza e cultura e a superioridade desta sobre a primeira. Ela também defende, com especificidades diversas de acordo com as épocas, uma hierarquização dos elementos e seres entre estes dois polos, hierarquização que existiria até entre os humanos: aqueles mais 'próximos da natureza' sendo penalizados de uma forma ou de outra por esta suposta característica.

O paradoxo quer que esta postura da civilização ocidental não descarte, mais ao contrário inclua, como se fosse para despistar, um certo culto à "Natureza" de forma mais ou menos idealizada, seja como fonte de inspiração artística, seja como reduto insondável de 'verdades' (tipo instinto materno, atos contra a natureza, etc) diversamente utilizáveis dependendo das necessidades do momento.

Merece destaque, em todos os casos, a correspondência entre as idéias de um dado autor ou de uma dada época sobre as relações entre homem e natureza de um lado e sobre as relações entre os humanos (de sexo, idade, linhagem, cor, condição social etc...diferentes) do outro. O uso do argumento da "natureza" parece inesgotável enquanto instrumento de opressão, exploração, dominação e até aniquilação. A 'naturalização' de dadas distinções entre os humanos foi a marca secular de múltiplas formas de racismo. A ilustração de tais pontos colocados em evidência não apresenta dificuldades na medida em que a própria história da América Latina oferece grande riqueza a respeito de tal problemática.

Como exercício, por exemplo, pode se propor a recuperação de filiação ocultas (ou não) entre defensores de idéias, teorias (científicas, políticas, etc.), práticas (agrícolas, religiosas, alimentares, domésticas...), etc.: escolhendo aleatoriamente entre extratos da obra de Eduardo Galeano "As Memórias do Fogo" que dizem respeito à relação homem/natureza, propõe-se a composição de cartazes ilustrando as idéias mestres expressas nos trechos citados.

A principal virtude do exercício pode ser um reencontro com a história continental, singularmente ausente dos manuais didáticos atuais; como

história de muitos vencidos, ela beneficia-se da abordagem sensível e poética do autor que resguarda dimensões geralmente não integradas pelas disciplinas utilizadas, e garante uma leitura mais compreensiva, uma passagem facilitada para a perspectiva do “outro” sobre a questão das relações entre homem e natureza e por conseguinte das relações entre os humanos.

Referencias

- Alphandéry, P., Bitoun, P., Dupont, Y. (1991). *L'équivoque écologique*, Paris: La Découverte. O Equívoco Ecológico, São Paulo, Brasiliense.
- Anderson, A. B., Posey, D. A. (1987). Reflorestamento Indígena. *Ciência Hoje*, 6(31), 44-50.
- Andrade, M. C. (1985). *Elisée Reclus*. São Paulo: Ática.
- Ascot, P. (1990). *História da Ecologia*. Rio de Janeiro: Campus.
- Bann, S. (1994). *A Verdade em Cartografia, in As Invenções da História. Ensaio sobre a representação do passado*. São Paulo: Unesp.
- Bitterli, U. (1976). *Die "Wilden" und die "Zivilisierten" - Grundzuge einer Geistes- und Kulturgeschichte der europäische Überseeing Begegnung*. Munchen: Beck.
- Bock, K. (1980). *Natureza humana e história - Uma réplica à sociobiologia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Boorstin, D. (1989). *Os descobridores*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Buarque, C. (1990). *A desordem do progresso, O fim da era dos economistas e a construção do futuro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Seattle, C. (1855). [Carta para Ulysses Grant, Presidente dos Estados Unidos]. In Pinsky, Jaime et al. (1989). *História da América através de textos*. São Paulo: Contexto.
- Chalmers, A. (1994). *A fabricação da ciência*. São Paulo: UNESP.
- Chauí, M. (1994). Introdução à História da Filosofia, Dos Pré-socráticos a Aristóteles. 1. São Paulo: Brasiliense.
- Chiavenato, J. J. (1989). *O massacre da natureza*. São Paulo: Moderna.
- Clastres, P. (1976). *Prefácio ao livro de Marshall Sahlins, Âge de pierre, âge d'abondance. L'économie des sociétés primitives*. Paris: Gallimard.

- Crosby, A.W. (1993). *Imperialismo ecológico, A expansão biológica da Europa 900-1900*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Delumeau, J. (1989). *História do Medo no Ocidente, 1300-1800*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Dreyer-Eimbcke, O. (1992). *O descobrimento da Terra. História e histórias da aventura cartográfica*. São-Paulo: Melhoramentos.
- Gonçalves, C. W. P. (1988). “Possibilidades e limites da ciência e da técnica diante da questão ambiental”. *In Geosul*, 3(5), 7-40.
- Gonçalves, C. W. P. (1989). *Os (Des) caminhos do meio ambiente*. São Paulo: Contexto.
- Gould, S. J. (1989). *O Polegar do Panda. Reflexões sobre a História Natural*. São Paulo: Martins Fontes.
- Gould, S. J. (1991). *A falsa medida do homem*. São Paulo: Martins Fontes.
- Harvey, D. (1992). *Condição Pós-moderna, Uma pesquisa sobre as Origens da Mudança Social*. São Paulo: Loyola.
- Jacob, A. (1987). Entre découverte et conquête, le sauvage imaginaire du colonisateur. *Mauss*, 24, 71-86.
- Ki-Zerbo, J. (1992). *Compagnons du Soleil, Anthologie de grands textes de l'humanité sur les rapports entre l'homme et la nature*. Paris: La Découverte/UNESCO.
- Krader, L. (1983). “Evolução, Revolução e Estado: Marx e o Pensamento etnológico”, in Hobsbawn, E. *História do Marxismo, Vol. 1, O Marxismo no tempo de Marx*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, pp. 263-300.
- Letwin, S. R. (1975). “Nature, History and Morality”, in Peters, R.S. *Nature and Conduct, Royal Institute of Philosophical Lectures, Vol. 8*, pp. 1973-1974. London: McMillan.
- Liauzu (1992). *Race et Civilisation, - L'Autre dans la culture occidentale. Anthologie historique*. Paris: Syros.
- Lizot, J. (1980). População, recursos e guerra entre os Yanomani - Crítica da antropologia ecológica in Clastres, P., Gauchet, P., Adler A., e Lizot, J., *Guerra. Religião, Poder*, São Paulo: Ed. 70.
- Marco Polo (1994). *O Livro das Maravilhas*, Porto Alegre, L P.& M.
- Matos, O.C.F. (1989). *Os arcanos do inteiramente outro. A Escola de Frankfurt, a melancolia e a revolução*. São Paulo: Brasiliense.

- Mc Luhan (1974). *Pieds Nus sur la Terre Sacrée - Avant le Nouveau Monde*. Paris: Denoel.
- Montesquieu, C. (s.f) *Do Espírito das Leis*. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Moscovici, S. (1975). *A sociedade contra a natureza*. Petrópolis: Vozes.
- Passmore, J. (1975). "Attitudes to Nature", in Peters R.S. *Nature and Conduct*, Royal Institute of Philosophical Lectures, Vol. 8, pp. 1973-74. London: MacMillan.
- Rosset, C. (1989). *A Anti-Natureza, Elementos para uma filosofia trágica*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo.
- Rousseau, J. (1985). *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Brasília: Univ. Brasília.
- Sahlins, M. (1976). *The use and abuse of biology. An anthropological critique of sociobiology*. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- Schwarcz, L. (1993). *O Espetáculo das Raças. Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Thomas, K. (1988). *O homem e o mundo natural. Mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. São Paulo: Companhia de Letras.
- Turner, F. (1990). *O Espírito Ocidental contra a Natureza. Mito, História e as Terras Selvagens*. Rio de Janeiro, Campus.
- Williams, R. (1989). *O Campo e a Cidade na História e na Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Zarur, G. (1987). Cerqueira Leite, "Ecologia e Cultura: algumas comparações". In Ribeiro, D. *Suma Etnológica Brasileira, Vol.1*, Etnobiologia. Petrópolis: Vozes.